A ciência predatória: efeitos sobre os narradores de *A lua vem da Ásia* e *Diário de Hospício*

Paula Daniela Ferraro¹

RESUMO

Os narradores de *A lua vem da Ásia* e do *Diário de Hospício* estão reclusos em um espaço que os separa do resto da sociedade. O objetivo desse lugar, em teoria, é ‘tratar’ a doença deles; porém, o fim implícito é apenas afastá-los para que não incomodem as outras pessoas. Através do discurso científico como sustento, esses personagens são expostos a uma série de ações violentas por parte de aqueles que deveriam cuidá-los. Os seus relatos, transcritos nos seus diários, são tanto a denúncia dessa situação quanto uma crítica profunda sobre a segregação como método de cura.

Palavras-chave: Escrita de diário. Loucura. Segregação.

À noite a lua vem da Ásia, mas pode não vir, o que demonstra que nem tudo neste mundo é perfeito (CARVALHO, 2008, p. 37).

Tiram-nos a roupa e dão-nos outra, só capaz de cobrir a nudez (BARRETO, 2010, p. 43).

A lua vem da Ásia (1956), o primeiro romance de Campos de Carvalho, tem pontos interessantíssimos em comum com o **Diário do Hospício** (1919), escrito por Lima Barreto durante a sua internação no Hospício dos Alienados. Ambos os narradores descrevem nesses textos situações de confinamento e compartilham, desse modo, as críticas contra o sistema que os mantém reclusos. Através da escritura dos seus diários, eles analisam o contexto em que lhes toca viver com um olhar agudo que leva ao leitor a repensar o que é considerado loucura, assim como a questionar quem é que a determina.

Astrogildo, personagem principal e narrador do livro de Campos de Carvalho, começa escrever as suas memórias - do mesmo modo do que Lima Barreto - durante a estadia em um lugar que poderia ser um hospício, pelos indícios que dá. Porém, ele não percebe claramente onde está. O narrador confunde o prédio, em um primeiro momento, com um hotel de luxo, pois “os garçons, o gerente e o subgerente andam todos de branco e têm também os dentes brancos e não vermelhos ou amarelos como toda gente” (CARVALHO, 2008, p. 15). Mas logo assevera se encontrar em um campo de concentração, uma vez que os médicos aplicam nele a terapia de eletrochoque. A violência do tratamento, utilizado infelizmente até os dias de hoje, é denunciada por Astrogildo, que declara: “Razão tinha eu de suspeitar [...]. Não estamos num hotel de luxo, e sim num tenebroso

¹ Universidade Federal Fluminense.

campo de concentração, com tortura e tudo, a julgar pela que me infringiram ontem” (CARVALHO, 2008, p. 45). São os efeitos ‘predatórios’ da ciência moderna sobre o ser humano... O protagonista parece ser, segundo esta perspectiva, um objeto a ser estudado, e não um sujeito que merece cuidados. Ele escreve:

As paredes me prendem dentro deste quarto de hotel sem nenhuma beleza; proibem-me por motivos políticos de sair à rua e de saber inclusive em que cidade exatamente estou, eu que sou *globe-trotter* e amante de todos os horizontes; submetem-me ao vexame de ter que tomar todas as noites uma dose de soro da juventude, eu que nem sequer estou velho e não pretendo jamais voltar a ser jovem algum dia, eu que nunca o fui realmente; espionam-me por todos os cantos e até quando estou a sós dentro do gabinete sanitário, como se eu fosse um criminoso comum e não um hóspede com todos os direitos que a legislação lhes garante, seja aqui como na Cochinchina [...] (CARVALHO, 2008, p. 42).

Ninguém lhe explica nada do que acontece nesse lugar nem o que querem fazer com ele, como se qualquer tipo de informação fosse secundária ou a comunicação com ele, inútil. O narrador, sofre, desse modo, uma violência que excede o maltrato físico. Isso mesmo acontece com as pessoas que convivem com ele, presas desse sistema.

Tanto o narrador de **A lua vem da Ásia** quanto o de **Diário de Hospício** criticam fortemente, portanto, a situação de confinamento a que estão submetidos, não só pela perda da liberdade - como reclama Astrogildo em diversas passagens do romance - mas também porque fica evidente que o hospício não oferece quase melhora nenhuma para os doentes. Lima Barreto confirma essa afirmação quando assinala que muitos homens, nesse convívio, acabam por imitar as manias alheias, mesmo os homens sãos. Nas palavras dele:

Haverá contágio na loucura? Ouvi sempre falar que alienistas notáveis atribuíam a loucura de velhos guardas à ambiência dos hospitais; aqui, contaram-me vários casos. A imitação, que é um poderoso fator de progresso social útil, positivo, pode bem ser contada em sentido contrário, um fator de regresso do indivíduo, e aqui sobra inteligência débil de modo e fazê-la copiar gestos e coisas dos loucos que a cercam. [...] Não sou psicólogo, nem psiquiatra, nem coisa parecida; mas tenho para mim que não é de toda estúpida essa hipótese (BARRETO, 2013, p. 88).

Ao longo de ambos os textos se esclarece que uma das funções do hospício é afastar os sujeitos ‘indesejados’ do resto da sociedade, enquanto o tratamento médico e a cura do doente ficam em um segundo plano. Diversas políticas de ‘higienização’ foram realizadas ao longo dos séculos e ainda acontecem. Com essa justificativa, são enviados para esse espaço de saúde um grande número de marginalizados, não só loucos mas também mendigos, alcoólatras ou viciados. O grupo, improdutivo nos termos do capitalismo, é assim oculto, retirado da circulação, segregado. Lima

Barreto descreve, em uma passagem que arrepiava os leitores, a angústia de um dos seus companheiros, relacionada com a clausura forçada. A insatisfação e infelicidade desse homem se manifestam através de um ataque de violência, quando decide atirar tijolos contra as pessoas que estão do lado de fora do prédio. O escritor destaca a sensibilidade do doente, que apesar da sua condição, percebe com lucidez aqueles que sofrem como ele: “Ficou seminu; estava sem camisa. Atirava telhas e berrava. Alguém, de onde nós estávamos, um tanto próximo dele, gritou-lhe: - Atira para aqui! - Não, entre nós, não! Vocês são os infelizes como eu (BARRETO, 2013, p. 98).

Essa frase coloca em questão as fronteiras estabelecidas entre a lucidez e a loucura. Qual é a diferença entre esse raciocínio e os outros produzidos por quem está do outro lado do muro? Tanto o amor quanto a vontade de riqueza poderiam ser interpretados como casos de loucura, assinala Lima Barreto, depois de perguntar para si mesmo sobre essas diferenças. Seguindo esse pensamento, o escritor questiona a definição - ou indefinição - da loucura e denuncia, assim, as falências do saber médico:

Todas essas explicações da origem da loucura me parecem absolutamente pueris. Todo o problema de origem é sempre insolúvel; mas não queria já que determinassem a origem, sem explicação; mas que tratassem e curassem as mais simples formas. Até hoje tudo tem sido em vão, tudo tem sido experimentado; e os doutores mundanos ainda gritam nas salas diante das moças embasbacadas, mostrando os colos e os brilhantes, que a ciência tudo pode (BARRETO, 2013, p. 68).

A loucura ou sanidade dependem do lugar ocupado pelo sujeito na sociedade, afirma André Dias (2012). A classificação do primeiro estado pode bem ser reduzida àquele que se anima a “divergir da ordem dominante” (DIAS, 2012, p. 48). À vista disso, o hospício funcionaria como um espaço que retém àqueles considerados uma ameaça. Como Michael Foucault observa, baseado nas reflexões do Pinel, a cura nessas instituições se sintetiza em “subjugar e domar”² (FOUCAULT, 2006, p.11). O que é possível ver, o que ensinar para fora, é, portanto, uma luta pelo poder. O homem dos tijolos fez pública a sua denúncia; porém, à diferença do que acontecia na *Salpêtrière* – hospital psiquiátrico no qual vou me aprofundar - o espetáculo foi reprimido para não escandalizar a sociedade.

A lua vem da Ásia começa com uma citação de Gabriel Brunet³, que propõe a ideia da

² “[...] a arte de subjugar e de domar, por assim dizer, o alienado, pondo-o na estreita dependência de um homem que, por suas qualidades físicas e morais, seja capaz de exercer sobre ele um império irresistível e de mudar a corrente viciosa das suas ideias” (PINEL apud FOUCAULT, 2006, p. 11).

³ Eu procurei informação sobre esse autor, mas não encontrei nada relativo a ele. A única referência na internet é Gabriel Brunet de Sairigné, soldado francês, morto em Vietnã. Brincadeira de Campos de Carvalho? Fica para um próximo trabalho a tentativa de responder essa pergunta.

loucura como estratégia possível de sobrevivência no mundo. O francês assinala: “Tout homme peut bafouer la cruauté et la stupidité de l' univers em faisant de sa vie propre um poème d' incohérence et d' absurdité”⁴ (CARVALHO, 2008, p. 9). Em outras palavras, a loucura contribuiria de algum modo para fazer mais leve a vida. Esta definição aporta outro ponto de vista na discussão planteada acima: qualquer um pode se tornar louco, e ser considerado assim não é necessariamente negativo.

Ao longo do Diário, Lima Barreto se opõe repetidas vezes aos procedimentos usados pelo sistema médico, principalmente, psiquiátrico. Devemos lembrar que no contexto da modernidade - final do século XIX e começo do XX- se termina de consolidar um discurso sobre a ciência e o progresso que os relaciona intimamente. A ciência era considerada o caminho para atingir o progresso e melhorar, desse modo, as condições da existência humana. Porém, alguns dos métodos para obter conhecimento foram, desde o começo, agressivos com o ser humano. O saber médico se centrava, principalmente, na observação e classificação dos fenômenos e doenças. O mundo se conhecia dessa maneira, assim acontecia também com a natureza. Sob esse olhar, o homem virou quase um objeto. Em Paris, Jean-Martin Charcot, neurologista francês, tinha inaugurado o Hospital da *Salpêtrière*, que mencionei antes. Nele se encontravam hospitalizadas algumas mulheres diagnosticadas como ‘histéricas’, apresentadas um dia especial da semana para um público geral, como se fizessem parte de um teatro. Nesse mesmo dia se examinava, aliás, qualquer pessoa que tivesse a vontade de subir no palco. As formas de entretenimento tinham se modificado radicalmente nessa época, e Charcot soube aproveitar as novidades quando transformou a doença em um espetáculo. *Salpêtrière* foi, sobretudo, um campo de observações, um “laboratório médico ao vivo, uma 'reserva de material'” (SHOWALTER, 2004, p. 54). O hospício que aparece representado na obra de Lima Barreto, assim como o espaço descrito no romance de Campos de Carvalho, seguem este modelo.

A desconfiança em relação ao saber médico atravessa as duas obras, como vemos. No Diário, desfila um grande número de alienistas mas a opinião de Lima Barreto é quase sempre a mesma. “Doutomania” (BARRETO, 2004, p. 153) é como ele nomeia a preocupação dos médicos pela ostentação do diploma, do anel e do título de ‘doutor’, esquecendo o doente. Assim, o escritor assinala sobre a sociedade brasileira: “Nos grandes países de grandes invenções, de grandes descobertas, de teorias ousadas, não se vê o nosso fetichismo pelo título universitário que aqui se transformou em título nobiliárquico. É o *don* espanhol” (BARRETO, 2013, p. 94). Lima Barreto

⁴ ‘Todo homem pode zombar a crueldade e a burrice do universo fazendo da sua própria vida um poema da incoerência e do absurdo’ (tradução do autor).

destaca, aliás, o interesse pelas novidades que os médicos manifestam, utilizando-as muitas vezes sem nenhuma reflexão crítica. Um exemplo:

É capaz de ler qualquer novidade de cirurgia aplicada à psiquiatria em uma revista norueguesa e aplicar, sem nenhuma reflexão preliminar, num doente qualquer. É muito amante de novidades, do *vient de paraître*, das últimas criações científicas ou que outro nome tenham (BARRETO, 2013, p. 47).

A soberba desses alienistas, que se consideram ‘donos do conhecimento’ e, portanto, da Verdade, faz que ignorem nesses casos o respeito que o ser humano merece. Por esse motivo, Astrogildo insiste sobre o tratamento que recebe que “o objetivo, porém, é sempre o mesmo - a Verdade - como se eu tivesse uma única verdade e não muitas, todas à flor da pele e lutando entre si como num campo de batalha” (CARVALHO, 2008, p. 50). O narrador responde, dessa maneira, à pretensão da ciência de acreditar que a verdade existe, e que é única e cognoscível. Ele acrescenta:

Aos mil professores que tentaram deseducar-me respondo-lhes com um piparote no cocuruto, exatamente como fiz ao médico que não soube descobrir a causa do meu pranto, e a toda a sua ciência oficial e cheirando a naftalina eu oponho a onisciência do meu instinto indomável e sem máscara, mesmo porque não existe (que eu saiba) nenhuma máscara de mil faces (CARVALHO, 2008, p. 183).

A ciência não é onipotente, o fato de que ela não consiga ainda explicar as coisas mais básicas, como o pranto, o evidencia.

Os lugares onde estão internados Lima Barreto e Astrogildo se assemelham muito ao mundo de fora, pelo contrário do que poderia ser pensado. Em **A lua vem da Ásia**, o narrador denuncia em uma suposta carta à revista *Times* que:

[...] uma minoria armada até os dentes, inclusive com cadeiras elétricas, manda e desmanda sobre uma maioria de indivíduos realmente individuais e tenta impor-lhes à força a sua cartilha de primeiras letras, quando não o seu catecismo religioso dos tempos antediluvianos, que é a quanto chegam no melhor dos casos as ideias ou que outro nome tenha a intolerância desses senhores da terra e dos céus (CARVALHO, 2008, p. 66).

A descrição é uma representação, exagerada, do poder político e religioso. Quando Astrogildo consegue fugir do confinamento, o mundo ‘real’ que se lhe apresenta resulta tão delirante quanto as histórias que ele inventava na sua clausura. Coloco a palavra ‘real’ entre aspas porque o leitor não pode saber com certeza se o narrador escapa verdadeiramente desse lugar, ou se imagina que sai. No livro, como vimos anteriormente, é impossível inferir qual é a verdade. A existência dela é questionada o tempo todo, de diversos modos.

Lima Barreto, por sua vez, utiliza o Hospício para interpretar o mundo. De um lado, ele observa que existe uma estratificação social já imposta desde a estrutura mesma do lugar. Assim, cada Pavilhão alberga uma classe econômica diferente: no Pinel, por exemplo, estão os indigentes, enquanto no Calmeil moram até bacharéis. De outro lado, dentro de cada setor os próprios doentes se encarregam de manter essas diferenças. A cena na qual o narrador descreve o homem que coloca um anel, feito por ele, no seu dedo, para todo mundo reconhecer a sua posição social o evidencia. Nas palavras de Lima Barreto: “[...] o mais mudo de todos, na sua insânia, não se esquecera do anel simbólico e, com um pedaço de arame e uma rodela não sei de que, improvisara um, que ele punha à vista de todos, como se fosse de esmeralda” (BARRETO, 2013, p. 72). Desse modo, como vemos, o Hospício não seria um estado de exceção dos sujeitos, senão a representação exacerbada do mundo que está fora.

O mundo, para Astrogildo, carece de sentido, é incoerente e absurdo, tanto na clausura como fora dela. A primeira frase do livro o anuncia: “Aos 16 anos matei meu professor de lógica” (CARVALHO, 2008, p. 13), declara ele, que, em seguida, esclarece: “Chamava-me então Adilson, mas logo mudei para Heitor, depois Ruy Barbo, depois finalmente Astrogildo, que é como me chamo ainda hoje, quando me chamo” (CARVALHO, 2008, p. 13). De modo que, desde o começo da história, nos encontramos com uma realidade que é montada e desmontada o tempo todo. Assim, se explica também a descontinuidade dos capítulos, que passa do primeiro ao 18, ao doze, ao sem capítulo, com sexo, primeiro novamente, etcetera. Através desse mecanismo, o narrador se permite questionar a inexistência de uma verdade única, mas múltiplas.

Astrogildo reinventa sua vida a cada momento. O seu passado é descrito como um conjunto de experiências fantásticas, semelhantes às que acontecem com os heróis dos romances de aventuras: amante de uma arquiduesa húngara, coveiro na Bolívia, caçador de elefantes na África são algumas das ‘profissões’ que descreve. Aliás, ele pula arbitrariamente por diversos lugares no mapa, que confessa logo não ter conhecido nunca. O narrador explica esses fenômenos do seguinte modo: “Há momentos em que me sinto mais lúcido, e há outros em que pelo contrário sinto uma presença estranha dentro de mim, como se devêssemos ser gêmeos e houvésemos nascido dois num corpo só” (CARVALHO, 2008, p. 39). Porém, esse desdobramento se resolve quando expressa o seu direito de preservar a sua individualidade, quanto dono do seu próprio corpo, para facilitar a sua relação com o resto do mundo. Dessa maneira, com a imaginação como estratégia de sobrevivência, Astrogildo afirma a sua liberdade. Ele lembra:

[...] uma coisa porém eles não me tomam, [...] e é esta consciência que trago de eu ser apenas e cada vez mais uma propriedade minha, exclusiva, indivisível, una, *prima inter pares, nec plus ultra*, e mais citações latinas que se façam necessárias e convenham como fecho a um capítulo tão importante como este, sem dúvida o mais importante que já escrevi e escreverei em toda minha vida de cavaleiro andante (CARVALHO, 2008, p. 42).

Essa conclusão demonstra que, apesar do caos aparente, existe, no fundo, um pensamento lógico que sustenta ao narrador.

Lima Barreto confessa, de outro lado, a impossibilidade geral de compreender o mundo, embora na juventude ele tenha acreditado na ideia contrária. Em **O cemitério dos vivos**, romance inspirado na sua experiência no Hospício, assinala:

O curto encontro com o rapazola criminoso, ali, naquele pátio, mergulhado entre malucos a delirar, a fazer esgares, uns; outros, semimortos, aniquilados, anulados, encheram-me de um grave pavor pela vida e de um sentimento profundo da nossa incapacidade para compreender a vida e o universo. Lembrei-me, então, dos outros tempos em que supus o universo guiado por leis certas e determinadas, em que nenhuma vontade, humana ou não, a elas estranhas, poderia intervir, leis que a ciência humana iria aos poucos desvendando... Não sorri inteiramente; mas achei tal coisa ingênua e que todo o saber humano só seria útil para as suas necessidades elementares de vida e nunca conseguiria explicar a sua origem e o seu destino. Todo mistério é sempre mistério (BARRETO, 2013, p. 188).

O mundo, portanto, se torna inexplicável e absurdo. Nesse contexto, a escritura é imprescindível, porque através dela o narrador consegue dar algum tipo de sentido a esse mundo. Aliás, ela é um refúgio que lhe permite sobreviver à amargura e à solidão do Hospício, assim como da vida mesma. Escrever, para ele, é vital. Quando Lima Barreto registra a sua experiência no Diário, se afasta da própria condição de interno, com o fim de conservar a sua racionalidade. Como os cientistas, ele observa, descreve e classifica tanto o prédio quanto os doentes, se apropriando, desse modo, do método científico. Ao assumir esses procedimentos, o narrador ainda critica a prática médica. Ele descreve assim um dos seus companheiros de confinamento: “É um louco clássico, com delírio de perseguição e grandeza. É um homem inteligente, mas com cultura elementar, e o seu delírio, desde que não se interrogue pela base, parece à primeira vista a mais pura verdade” (BARRETO, 2013, p. 70). Lima Barreto é, portanto, sujeito e objeto do conhecimento científico, em outras palavras, ele é tanto paciente quanto estudioso. Eis nessa relação que ele reconstrói um pouco da humanidade que lhe foi negada desde a entrada no Hospício. O narrador não consegue se afastar por completo dessa realidade, já que outros doentes exigem dele uma interação. No entanto, a sua condição de letrado o diferencia dos outros internos. Ele destaca:

Quando estive na Enfermaria preliminar, ao amanhecer do dia seguinte, mandei comprar

um jornal e pus-me a ler no pátio. Um doente recomendado, que lá havia – um velho nortista, moreno carregado, feições regulares, a não ser os maldades salientes- sentou-se ao meu lado e quis ler de sociedade comigo o jornal. Disse-lhe que não era conveniente lermos juntos; que ele esperasse, eu lhe daria o jornal. Ouvindo isto, ele levantou-se amuado e amuado me disse: - Mesmo mostra que você é maluco (BARRETO, 2013, p. 70).

Desse modo, Lima Barreto consegue transformar a sua experiência de clausura individual, em uma denúncia social.

A relação de Astrogildo e a escritura é ambígua. De um lado, ele declara que “escrevendo a história da minha vida, antes que a escrevam os outros ou que não a escreva ninguém, estarei prestando um enorme serviço não só à cultura” (CARVALHO, 2008, p. 15), mas a frase fica inconclusa. O narrador não consegue, assim, explicar a importância do ato de escrever. A interrupção, banal, porém necessária (ele se detém para comer), evidencia o absurdo da vida: o homem está condenado a realizar ações sem sentido nenhum, que terminam unicamente quando chega a morte. Apesar de tudo, Astrogildo escreve. Embora as suas denúncias já tenham sido feitas em 1920 por Lima Barreto, e possam se repetir hoje em 2014, ele insiste. Anuncia:

Preciso escrever uma infinidade de livros para desintoxicar-me, e as minhas espinhas são os livros que não escrevi até hoje, embora já tenha escrito muitos. A palavra foi dada ao homem para blasfemar contra o seu destino, e a palavra escrita é a verdadeira palavra, como o defunto é o único homem verdadeiro, em sua nudez total. (Mudez ou nudez, leiam como quiserem) (CARVALHO, 2008, p. 122).

A escritura é, portanto, libertadora. Por meio dela, o narrador foge do encerro no qual está, dessa realidade que não compreende e que não gosta, como acontecia com Lima Barreto. Afirma ainda Astrogildo:

O dia mais feliz da minha vida foi o dia em que escrevi minha primeira palavra feia no muro alto do colégio – exatamente essa bela palavra MERDA que agora me fita do outro lado da rua como um desafio. MERDA é tudo o que não seja a morte [...] MERDA é a própria vida (CARVALHO, 2008, p. 122).

Escrever é, para o narrador, uma experiência limite entre a vida e morte, a liberdade e a inutilidade de qualquer ato no mundo.

No Diário, Lima Barreto declara que essa internação será, com certeza, a última. “Estou seguro que não voltarei a ele pela terceira vez; senão, saio para o São João Batista, que é próximo” (BARRETO, 2013, p. 44), sentencia. A ideia da morte se repete em diversos momentos, ainda metaforicamente, como indica o título **O cemitério dos vivos**. A vida dos doentes se parece com a morte: muitos deles estão sumidos em um silêncio que preocupa ao narrador. A depressão que

manifestam alguns dos internos o invade também, e confessa: “Escrevi nas minhas notas: 'Suicidou-se no Pavilhão um doente. O dia está lindo. Se voltar a terceira vez aqui, farei o mesmo. Queira Deus que seja o dia tão belo como o de hoje” (BARRETO, 2013, p. 84). Ele insiste:

Não quero, entretanto, morrer; queria outra vida, queria esquecer a que vivi, mesmo talvez com perda de certas boas qualidades que tenho, mas queria que ela fosse plácida, serena, medíocre e pacífica, como a de todos. Penso assim às vezes, mas, em outras, queria matar em mim todo o desejo, aniquilar aos poucos a minha vida e sumir-me no todo universal. Esta passagem várias vezes no Hospício e outros hospitais deu-me não sei que dolorosa angústia de viver que me parece ser sem remédio a minha dor (BARRETO, 2013, p. 83).

A vida, tal como ela é, desgosta a ambos os narradores. Lima Barreto preferiria outra, com menos sofrimento; para Astrogildo, ela é uma contradição. A estratégia que eles escolhem é, curiosamente, a mesma: se inventar a si mesmos. Desse modo, o primeiro cria a personagem de Vicente Mascarenhas, e o segundo narra milhares de histórias nas quais até morre e renasce. Embora a morte possa ser entretida, como Astrogildo sustenta quando narra o velório do Papanatas, quem “[...] poderia ter arranjado uma morte mais digna e menos vulgar, com bimbalar de sinos por exemplo e alguns foguetes de chuva-de-prata, que são os mais belos para ocasiões semelhantes” (CARVALHO, 2008, p. 30), no final a brincadeira deixa de ser efetiva, e a única opção que resta é morrer. Assim, chega a amargura do inalcançável: Astrogildo se suicida, enjoado de si, sem encontrar um sentido para o mundo. De outro lado, Lima Barreto segue bebendo, insatisfeito consigo mesmo, sem alcançar os seus sonhos, até morrer.

Abstract

The narrators of **The moon comes from Asia** and **Diary's Hospital** are confined in a space that separates them from the rest of society. The aim of this place, in theory, is 'treat' their disease; however, the implicit order is only drive them to not disturbing others. Through the scientific discourse as sustenance, these characters are exposed to a series of violent actions by those who should care for them. Their reports, in their diaries, are both a public accusation, as well as a critic about the segregation as a healing method.

Keywords: Diary writing. Madness. Segregation.

Referências

- BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Diário de Hospício e O cemitério dos vivos**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- _____. **Toda Crônica (org)** Beatriz Resende e Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004.
- CARVALHO, Walter Campos de. **A lua vem da Ásia**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.
- DIAS, André. **Lima Barreto e Dostoiévski. Vozes dissonantes**, Niterói: editora da UFF, 2012
- FOUCAULT, Michel. **O poder psiquiátrico**, São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- SHOWALTER, Elaine. A história da histeria: os grandes médicos. **Histórias históricas**. A história e a mídia moderna. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.